

## **ALFREDO STROESSNER E AUGUSTO ROA BASTOS SERÃO FIOS DE UMA MESMA TRAMA?**

GIANE MARIA GIACON \*<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A história paraguaia é marcada por vários momentos de instabilidade política e ávidas lutas pela ocupação do governo, ocorridas desde o final do século XIX com a formação dos partidos Colorado e Liberal em 1887. Os dois partidos ocuparam a cena política do país por todo o século XX. Além desses havia o partido Comunista e o Febrerista, criados na década de 20 do século XX, que compunham em menor escala quadro político.

A estabilidade política apenas se efetivou sob a ditadura Stroessner (1954-1989), devido ao hábil jogo político que requereu acordos e concessões entre os diversos setores do cenário político paraguaio. Para alcançar um patamar político aceitável foi preciso ao governo Stroessner, não só derrotar os inimigos, mas também conciliar os interesses de grupos tão divergentes, no interior do partido Colorado, que ansiavam pelo poder.

A conjuntura política desse período era favorável para a instalação da ditadura de Stroessner por dois fatores: um ligado à instabilidade política do Paraguai que desde o início do século XX até 1954 o país foi governado por 32 presidentes que durante os mandatos foram marcados por golpes e renúncias e o outro fator havia interesses estrangeiros sobre o país de caráter econômico e político.

Alfredo Stroessner conseguira chegar ao poder após o golpe de maio de 1954 sob o pretexto de que o Presidente Federico Chaves estava se intrometendo em questões destinadas ao exército. E a partir dessa situação o golpe militar é apoiado pelos Estados Unidos, que via no militar Alfredo Stroessner um grande combatente do comunismo, satisfazendo assim os interesses do programa norte americano de Segurança Nacional para a América Latina. O Brasil também apoiou o golpe devido a dois fatores: o

---

\*Mestranda pela Universidade Estadual Paulista- UNESP.

primeiro devido à simpatia de Stroessner pelo Brasil e o segundo pela possibilidade de acordos, que beneficiava a industrialização brasileira podendo tornar o Paraguai um grande consumidor de produtos brasileiros (MORAES, 2000:89)

De acordo com Paul Lewis (1986:8), a duração de trinta e cinco anos da ditadura de Stroessner não se explica apenas pelos eficientes aparelhos de repressão, embora esse aparelho de Estado seja o meio mais rápido para a manutenção do poder, contudo essas medidas repressivas não funcionariam em longo prazo. Para ele, a duração desse regime autoritário se dá pela pelo talento organizativo e de direção de Alfredo Stroessner que busca se consolidar no poder estabelecendo laços políticos e construindo formas de manipulação ideológica para legitimar-se como chefe de Estado paraguaio.

Em 1989 o General Stroessner é destituído do poder por André Rodriguez por meio de um golpe de Estado, após várias desavenças entre eles, já que Stroessner e Rodriguez eram aliados e mantinham acordos de cooperação entre seus empreendimentos financeiros.

A ditadura Stroessner, a qual compreendeu os anos de 1954-1989 é o contexto histórico desse artigo que tem como proposta entender como se coloca a crítica política realizada pelo escritor Augusto Roa Bastos ao regime *stronista*<sup>2</sup> por meio dos romances *Yo, El Supremo* (1974) e *El Fiscal* (1993, de Roa Bastos, considerar-se-á o momento histórico da produção dos romances, a proposta de Literatura latino-americana vigente e o papel do exílio na produção robastiana para a análise dos mesmos.

Para tanto o presente artigo se desdobrará em três vertentes: a primeira se orienta pela escrita engajada empregada por Roa Bastos produto das discussões da narrativa hispano-americana na década de 60 que passa a discutir o papel social do escritor e formas de transformar a realidade e o papel do exílio como motor do romance histórico.

A segunda parte consistirá em analisar a ligação entre história e literatura em Roa Bastos a partir do exílio. Na terceira parte consistirá na análise da imagem construída do regime Stroessner, durante o mesmo período e depois de sua extinção.

---

<sup>2</sup> A palavra *stronista* fora emprestado do termo em espanhol utilizado pelos estudiosos do assunto, pois não há um termo correspondente em Língua Portuguesa

## VENTOS DE MUDANÇAS SOPRAM NA AMÉRICA LATINA.

Ocupar-se desse mundo, desse pequeno mundo, desse grandíssimo mundo é tarefa do romancista atual. Entender-se como ele e com esse povo combatente, criticá-lo, exaltá-lo, pintá-lo, amá-lo, tentar compreendê-lo, tentar falar-lhe, mostrá-lo, mostra nele seu âmago, erros e grandezas e as misérias, falar dele mais e mais, ao que permanecem sentados à beira do caminho, inertes, esperando, não sei o quê, ou talvez nada, mas que têm, no entanto, necessidade (CARPENTIER, 1969 p, 95).

O apelo fervoroso de Alejo Carpentier para que o escritor latino americano se ocupe da sua realidade, de seu povo, que demonstre sua história e sua identidade denota que literatura passou a se preocupar com papel social do escritor, este adquire uma função transformadora do mundo que vive a partir dos anos 60.

A narrativa hispano-americana, nesse momento, buscava questionar seu lugar do ser que ocupa no mundo, num mundo submetido por drásticas transformações sem deixar de responder a configurações próprias de suas respectivas culturas. Além de exercer um uma crítica constante a representação e interpretando toda a realidade no plano do discurso, passou-se a questionar a verdade oficial.

O questionamento presente na *nova narrativa hispano americana*<sup>3</sup> articulou-se com a experimentação da palavra, introduziu-se no romance a oralidade para recuperação da tradição como forma de resistência, assim como a construção de vários discursos que se entrecruzam modificando a ordem da narrativa quebrando a sua linearidade. A inovação é projeto de ruptura hispano-americana tem sido institucionalizado enquanto norma da narrativa recente estabelecendo a experimentação como expressão definidora que pressupõe um sentido de liberdade de comportamento e uma construção do relato que impede a sua canonização, pois busca tratar de temas cotidianos urgentes gerando uma literatura engajada

Este engajamento<sup>4</sup> que se coloca ao escritor latino americano não pode ser pensado sem considerar a literatura de exílio que se fez presente a partir dos anos 70, devido à instalação de governos autoritários que provocou fraturas no projeto idealizado

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Saul Sosnowski

<sup>4</sup> Considera-se que o conceito engajamento deve ser entendido como uma crítica política e não como uma escrita de orientação partidária.

pelos intelectuais latino-americanos que visavam à união de escritores em um ideal de transformação tanto literária quanto social. A literatura nesse período de acordo com Paloma Vidal (2004 p.17) se dividiu em: *num dentro* que representava os escritores que ficaram em sua pátria e desenvolveram uma literatura de resistência que buscavam “burlar” a censura instituída pelas ditaduras; *um fora* que representava a literatura de exílio funcionava com religar-se ao território perdido e engajar-se com as questões de seu tempo

Como representantes da literatura denominada *um fora* por Paloma Vidal temos um número expressivo de escritores importantes da intelectualidade latina americana, tais como: Júlio Cortázar, Mario Benedetti, Angel Rama, Tununa Mercado, Herib Campos Cervera, Mario Vargas Lhosa, Augustos Roa Bastos. O exílio que fomentou essa literatura se fez por diversas formas: exílio voluntário, a perseguição política institucional como também a fuga da situação autoritária pode ser demonstrada pela frase “Não Caber mais Lá” presente no livro *Memórias das mulheres no Exílio (1980)* de Albertina de Oliveira Costa et ali descreve a situação do exílio como fuga do que lhe vetado e busca da liberdade.

Já a literatura *num dentro*, ou seja, dos que ficaram apresentou-se em escala menor, pois a instauração das ditaduras teve como ações o silenciar do debate intelectual seja como forma de censura, repressão política na forma de terror e tortura obrigando a intelectualidade ao exílio, no entanto podemos citar como representante dessa literatura de resistência: a escritora argentina Beatriz Sarlo e a poetisa Josefina Plá que viveram o chamado “insílio” que consiste no exílio dentro próprio país a desclassificação como cidadão.

O exílio para intelectualidade latino-americana funcionou como “uma faca de dois gumes” como afirma Ana Brancher e Fabio Souza no artigo “Políticas na Exterioridade-Notas sobre o Exílio de Escritores Latino Americanos” (2008:213): se por um lado o exílio significou para alguns escritores uma experiência positiva como enriquecimento cultural, com a descoberta de novos mundos, novas pessoas e países e também divulgar suas obras , outros fracassaram, desistiram e provaram o gosto amargo de ser estrangeiro.

O exílio possibilitou mudanças na produção literária como forma de luta política tanto para o fim das ditaduras como também se criou o espaço na literatura de discussão intelectual sobre o exílio além de transformar posições e atuações políticas e interferir na vida privada desses escritores.

### NÃO CABER MAIS LÁ.

A trajetória intelectual e pessoal de Augusto Roa Bastos (1917-2005) fora marcada pela crítica da realidade paraguaia sejam na forma de romances, contos, roteiros ou textos jornalísticos, outro ponto marcante que move essa crítica política é o período de exílio vivido pelo autor que durou 49 anos, o qual compreendeu entre os anos de 1947 a 1996.

Sob o governo de Higinio Moríngio, Augusto Roa Bastos teceu críticas ao regime autoritário instalado no Paraguai em favor da democracia e da liberdade que resultou na sua entrada na lista de inimigos do Estado, diante dessa situação, podendo ser preso a qualquer momento, o escritor exila-se na Argentina e mais uma vez em 1976 é o obrigado a sair deste país em direção a França diante do decreto de sua prisão pelo governo argentino com o apoio da Ditadura Stroessner, pois foi considerado subversivo e suas obras foram confiscadas naquele país e entraram para a lista de livros proibidos pela ditadura.

Embora não tenha sido preso efetivamente pela ditadura, o exílio de Roa Bastos pode ser entendido a partir do título deste tópico, realmente suas idéias não cabiam para aquelas ditaduras e sua personalidade e sua posição de escritor não permitiam que as críticas diante da situação instaurada fossem caladas. Era preciso sair dali.

O exílio tem um papel preponderante na escrita de sua literatura, e a sua aproximação com a história aliado ao projeto latino americano de escrita engajada, assim escrever tornou-se um meio de ação e uma forma de ligar-se ao país de origem. A ligação a terra natal a partir do exílio é discutida por Edward Said em seu livro *Reflexões sobre o exílio* argumenta que o exílio se constitui como sendo um estado de ser descontínuo que estão separados de suas raízes, do passado e de sua terra natal. Diante dessa definição o autor analisa a condição do exilados como sendo aqueles que “sentem uma necessidade urgente de reconstruir suas vidas rompidas e preferem ver a si

mesmo como parte de uma ideologia ou de um povo restaurado”. (SAID, 2003:50). Nessa esteira tema do exílio nos ajuda a compreender a presença maciça do conteúdo histórico nas obras escolhidas para este projeto como nas demais obras de Roa Bastos, que em sua maioria foram produzidas fora do Paraguai.

## HISTÓRIA E LITERATURA: FIOS DA MESMA TRAMA

A história assume dois papéis na produção robastiana: a primeira de fio condutor para a criação de pertencimento do autor, num momento em que ele, no além pátria, utiliza a escrita para religar-se ao território de origem; a segunda para refletir as questões de seu tempo ao repensar o indivíduo perante o exílio que apresenta fratura incurável entre o ser humano e um lugar natal. Para tanto o autor de utiliza da literatura como um espaço para sua atuação política na forma de resistência ao poder instituído.

A história do período *stronista* estava a serviço do governo autoritário e fora calcada de heroísmo, exaltações e revisionismo para a manutenção do regime, destituindo o papel de sujeito histórico atuante que cabiam as classes populares. De acordo Glória Pacheco (2006:21) a literatura no Paraguai tornou-se um espaço de contestação da história oficial e serviu de memória aos muitos indivíduos que foram silenciados pelo discurso histórico dominante.

A escolha dos romances *Yo, el supremo* (1974) e *El Fiscal* (1993) se deu pelo momento de sua produção: a primeira fora escrita em meio da ditadura Stronista e publicada no período de maior repressão aos camponeses ,e se insere num projeto intelectual latino americano por idealizado por Mario Vargas Lhosa e Carlos Fuentes sobre os ditadores latino americanos, que não vai cabo , mas origina o livro em questão e mais os livros *Recurso do Método* de Alejo Carpentier e *Outono do Patriarca* de Gabriel Garcia Màrquez. Já o livro *El Fiscal* (1993) ainda que não esteja inserido no projeto de engajamento dos anos 60 , apresenta um forte crítica política ao regime stronista. Ao ser escrito em período de democracia no Paraguai, sua narrativa constrói uma versão sobre o poder e a ditadura no país totalmente distinto do romance *Yo El Supremo* (1974).

O enredo do *Yo, El supremo* centra-se na Figura do governante José Gaspar Rodríguez Francia que esteve sob o comando do Paraguai entre os anos 1811 a 1839, o

romancista compõe o texto sob a perspectiva de várias narrativas que se cruzam tendo ou não Francia como foco de maneira não linear. O romance inicia a partir de um pasquim encontrado Catedral de Encarnación em forma de decreto sob a assinatura de Francia desejando que este seja decapitado e que todos os seus aliados sejam punidos e queimados e suas cinzas sejam lançadas ao rio. A partir desse documento falso o ditador começa a buscar ao autor para puni-lo.

Esta história é centro o romance, no entanto, outras histórias a compõe, como a vida de Francia, a relação de seu governo com outros países, a divisão do personagem Francia *El e Yo* que se configura como um personagem real e outro mítico. Por meio desses dois personagens, em dado momento, romance se divide em dois como se houve um romance central e outro escrito a margens nas notas de rodapé da obra.

A primeira vista a leitura desse romance se resumiria a uma palavra: caos, mas uma leitura cuidadosa pode-se perceber que a não linearidade do romance, a construção de um personagem mítico do Ditador Francia que possibilita caminhar por diversos tempos históricos permitiu ao autor contemplar as diversas faces da história do Paraguai e da organização de um governo autoritário.

O enredo de *El Fiscal* O romance centra sua narrativa na história de um exilado paraguaio Felix Moral que vive na França e trabalha como professor universitário <sup>5</sup>, casado com uma exilada espanhola Jimena Tarsis também intelectual. O personagem segue a sua rotina de aulas, produções acadêmicas, conversas com Jimena, seu grande amor, até que um dia seu cotidiano é abalado ao receber uma carta de uma aluna de nome Leda Kautner que se diz apaixonada por ele, nesse momento a aluna passa atormentar seus pensamentos e ele se preocupa em não trair seu amor por Jimena.

Entretanto um encontro com um amigo paraguaio chamado Clovis também exilado na França, mudou o seu destino, este amigo conta a Felix que o Ditador Stroessner está promovendo um encontro de intelectuais paraguaio que moram na Europa para um congresso no país, entretanto o amigo faz uma ressalva: Clóvis estaria na lista dos considerados indivíduos perigosos e o aconselha a não ir.

Porém, Felix insiste para voltar ao seu país e convence o amigo a levá-lo. Entre o encontro com o amigo e ao embarque a Assunção, Felix arquiteta um plano para

---

<sup>5</sup> Qualquer semelhança é meramente proposital.

assassinar o Ditador Stroessner que ele chama de Tiranossauro, que consistia em envenenar um anel com uma substância letal que fazia efeito ao menor contato com a pele, Felix esperava usá-lo ao cumprimentar Stroessner na solenidade de abertura do congresso. Entretanto o plano fracassa e Felix é descoberto, torturado, preso e morto e Jimena percorre um longo caminho para encontrá-lo no Paraguai e depois extraditá-lo. No entanto Felix foi capturado novamente e morre.

Após a apresentação das fontes, procurar-se-á discutir a representação construída pelo autor sobre o regime *stronista* utilizando um aporte teórico constituídos do conceito de representação sob a perspectiva dos autores Noé Jitrik e Roger Chartier. A escolha do conceito de representação partindo de dois significados teóricos diferentes se justifica pela abrangência do mesmo e a complexidade posta no trabalho entre fronteiras disciplinares, no caso História e Literatura, e a sua função na análise proposta, pois o conceito de representação formulado por Jitrik será utilizado para pensar a relação história e literatura em *Yo, El Supremo* e já o conceito de representação de Chartier será usado na leitura de *El Fiscal*.

O conceito de representação proposto por Noé Jitrik(1995:53-54) é construído e um modo de iniciar a relação com as coisas, este conceito aplicado na fonte literária fornece dois outros conceitos, o referente: imagem autônoma que retoma um discurso estabelecido, ou seja, a História e o referido reconstruído com o material retomado, ou seja, a literatura.

O conceito romance funcional se vincula a compreender um conhecimento que se supõe incompleto ou deficiente. A partir desse pressuposto poderemos entender a preocupação do autor com a história de seu país, pois a história recente do Paraguai está para ser escrita. Para entendermos as referências à história, construção da ditadura Stroessner, as alegorias presente nas fontes deve-se pautar a análise partindo do pressuposto teórico de representação discutido pelo autor Roger Chartier no livro *A história cultural entre práticas e representações*.

Segundo Roger Chartier (1998:19) as representações do mundo social são determinadas pelos interesses do grupo que as forjam e de forma alguma são discursos neutros. É preciso levar em consideração que as visões de mundo utilizam de práticas e estratégias para legitimar, impor autoridade ou justificar aos indivíduos as suas escolhas e condutas. Essas estratégias e práticas aplicadas pelo poder instituído sob forma de



dominação como também a resistência faz uso desses artifícios para subverter o poder institucional.

A produção do romance do *Yo, El Supremo* (1974) é produto de uma série de respostas buscadas aos questionamentos que o momento histórico pedia. Em primeiro lugar se fazia como resposta ao projeto latino americano de ocupar-se desse mundo, a partir de um romance funcional<sup>6</sup> onde estabelece um referente a partir do governo Francia na forma de referido nesse caso a literatura que funciona como portador das vozes silenciadas. Em segundo lugar a Literatura para Roa Bastos tornou-se um espaço de reflexão intelectual sobre ser e sua relação com poder seja de dominação ou de resistência.

A escolha de um personagem histórico do século XIX para compor o romance que é escrito sob a ótica do poder ditatorial e suas estruturas como a burocracia demonstrada pelo uso de documentos como decretos, a violência assinalada pelas prisões e aniquilamento dos opositores e a resistência tanto dos aliados ao governo que querem derrubá-lo quanto da população civil buscando assassinar o representante do governo. Esse panorama do romance se coloca sintomático e ao mesmo tempo inquietante, pois qual seria a intenção para compor uma narrativa de natureza crítica e engajada usando um personagem do Século XIX?

Parte-se da seguinte hipótese que a escolha do personagem histórico Francia como referente criando uma representação que revela uma estratégia de resistência e uma crítica política velada ao regime *stronista*, embora o nome do ditador vigente no país não seja mencionado, políticos ligados a ele parecem no romance, características da forma de governo e da perseguição aos opositores se assemelham a Stroessner. Além da crítica ao regime o autor busca refletir sobre o poder institucional e a força com que atinge o cidadão, causando medo, dor, desenraizamento a partir da situação do exílio e mortes.

A crítica política feita em *El Fiscal* usa representações distintas das feitas em *Yo, El Supremo*, pois nesse romance o enredo tem como base histórica o regime de

---

<sup>6</sup> Termo utilizado por Noé Jitrik

Stroessner que não se preocupa em criar mecanismo para velar a sua crítica, já que escreve período democrático, seu enfoque não é mais o poder institucional mas as consequências da ditadura sobre o indivíduo que teve sua memória e sua história ferida e fragmentada por meio exílio.

Os véus que protegiam a ditadura: tortura, repressão, censura não existem mais e o romance em questão funciona como a expressão de um grito de liberdade que fora silenciado. A construção do personagem principal Felix Moral como um professor universitário paraguaio exilado, não fora feito, de maneira neutra, por mais que o autor tenha dito em entrevista que esse romance não é autobiográfico, a representação criada para o personagem central que muito lembra a vida do autor, se coloca na intenção de expor a situação do exilado, que como ele, muitos outros intelectuais e pessoas comuns fizeram parte dessa condição no século XX. A partir de um tema particular o exílio de Felix Moral, o autor procura por meio da escrita debater temas universais e presentes no século XX e mais precisamente na história da América Latina: exílio, memória, poder e repressão.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao intitular este artigo com uma frase interrogativa, buscou-se colocar as inquietações de um historiador que vive nas fronteiras entre a História e a Literatura mantendo uma relação nem sempre harmoniosa, sobretudo complexa, pois ao transitar por esse campo a questão que se coloca até que ponto é história até que ponto é ficção. Diante desse nó, esse tipo de pergunta sempre se colocará e sempre respostas serão buscadas sejam por historiadores ou literatos.

No caso de Augusto Roa Bastos, um escritor sem fronteiras, sejam espaciais ou mesmo literárias não importava saber qual era o limite da disciplina histórica ou literária, mas sim responder ao anseio de seu tempo: a falta de liberdade e democracia, para isso, busca na literatura um espaço para responder essas questões que se colocavam na sua história e de seu país. Entrelaçou História e Literatura formando um grande novelo para entender uma sociedade complexa, dual formada pela língua guarani e o espanhol, cortada pela miséria e pela violência.

Augusto Roa Bastos e Alfredo Stroessner fazem sim parte da mesma trama, pois representam dois lados do poder: um está na resistência e outro na dominação e fazem parte da história paraguaia o primeiro como maior representante da literatura do país e outro governante da ditadura mais longa.

A discussão sobre a relação História e Literatura e as representações construídas do governo de Stroessner contidas nos romances *Yo, El Supremo e El Fiscal* serão analisadas a partir de um estudo das fontes, pois este artigo resulta da pesquisa preliminar que envolve leituras teóricas e historiográficas sobre a Ditadura *stronista* e sobre o papel político da literatura latino-americana. Por esta razão o presente texto analisa apenas o aspecto histórico dos romances sem discutir a composição textual, a qual a crítica se insere.

O processo de construção de conhecimento é permeado por avanços e retrocessos, dúvidas e certezas, ou melhor, mais dúvidas que certezas, ainda mais as certezas que são conseguidas pela pesquisa, podem a todo o momento ser abaladas ou mesmo questionadas, em se tratando do trabalho de fronteiras, essa situação se repete, mas deve se levar em conta que o moveu a humanidade desde a descoberta do fogo, a invenção da escrita até revolução digital não foram às respostas, mas sim as perguntas. Este trabalho não mais é que inquietações frente a complexidade que envolve o processo de pesquisa acadêmica.

#### BIBLIOGRAFIA.

BRANCHER, Ana; SOUZA, Fábio Francisco Feltrin de. **Políticas na exterioridade-notas sobre o exílio de escritores latino americanos.** Revista Esboço, 20, p.205-221,2008.

BENOÎT, Denis. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre.** Trad: Luiz Dagoberto de Aguirra Roncari. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CARPENTIER, Alejo. **Literatura & Consciência Política na América Latina.** Madrid: Alberto Corazon, 1969.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1998

COSTA, Maria Albertina (et ali). **Memórias das mulheres do exílio.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

JITRIK, Noé. **Historia e Imaginación literaria: las posibilidades de un género.** Buenos Aires: Biblos, 1995.

MORAES, Ceres. **Paraguai, a consolidação de Stroessner 1954-1963**. Porto Alegre: Edipuc-RS, 2000.

PRIETO, Adolfo. **Conflitos de Gerações**. In: MORENO, César Fernandes. América Latina em sua Literatura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o Exílio: e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo; Companhia das Letras, 2003.

SOSNOWSKI, Saul. **La “nueva” novela hispanoamericana: ruptura y “nueva” tradición**. In: PIZARRO, Ana (orgs): América Latina: Palavra, Literatura e Cultura. v.3. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995.

VIDAL, Paloma. **A história em seus restos: literatura e exílio no Cone sul**. São Paulo: Annablume, 2004